

mento histórico sobre a formação do conceito de agroecologia e trazem para o debate a necessidade de articulação deste conceito com as dimensões populares dos movimentos sociais e das subjetividades qualitativas (ética e valores), do movimento latino-americano denominado “bem viver”. Desta forma, tecem uma crítica à racionalidade capitalista, que tem como base o acúmulo e a exploração socioambiental, e afirmam que a transformação social necessita da emergência de outras práticas e valores na sociedade.

Paulo Rogério Lopes, Fábio Frattini Marchetti, Juliano Silva do Nascimento e Paulo Yoshio Kageyama (*in memoriam*) dissertam sobre a importância da diversidade agrícola no campo e a relevância do manejo das roças para a conservação das bases genéticas da agrobiodiversidade. Com o título “Importância da agrobiodiversidade: conservação *on farm* ou conservação na roça?”, o estudo faz uma ponte entre a sociobiodiversidade e a agroecologia, coloca em evidência os potenciais riscos da contaminação gênica dos transgênicos, além de sugerir o uso do termo “conservação na roça” para designar a estratégia de conservação dos recursos fitogenéticos.

Por fim, um artigo-presente, “*Ubuntu*: habitar um local, partilhar um lugar, compartilhar uma vida”, de Carlos Rodrigues Brandão, amplia a visão sobre os conceitos de habitar e conviver, destacando o papel das escolas e das comunidades aprendentes como movimentos de ação social, a partir das suas redes de troca de saberes e experiências. Destaca, ainda, o potencial da gestão solidária e corresponsável da “nossa casa comum”, que se estende “do quintal de minha casa a todo da casa Terra onde todos moramos e vivemos”.

Nosso desejo é de que esses **textos-sementes** possam ganhar forma e vida nas práticas cotidianas de cada pessoa e grupo social. Assim, visualizando utopias possíveis e aprofundando na compreensão das estratégias de superação da crise socioambiental, abrem-se caminhos em direção às desejadas sociedades sustentáveis.

Boa leitura!

Movimento educador

“Ecosocialismo e bem viver”

Fernanda Corrêa de Moraes
Vivian Battaini
Laura Vidotto Sacconi
Tomás Mauricio Almeida Carvalho
Suzani Maria Rodrigues da Paz
Marcos Sorrentino

(...) se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes. (FREIRE, 2000, p.33)

A busca por sentidos existenciais e caminhos para a aventura humana na Terra não pode ser reduzida por um modo de produção e consumo de exaltação ao mercado, que ignora grandes parcelas da humanidade absolutamente silenciadas e marginalizadas e ignora, também, o esgotamento desenfreado dos recursos do planeta.

Nesta lógica, foi criado um movimento educador que tem como impulso os debates e os diálogos sobre “Ecosocialismo e bem viver”. O movimento reforça a necessidade de convergência entre movimentos ambientalistas e socialistas para a superação deste modelo hegemônico “biocida”. Propõe, como principal ação, a realização de encontros pautados por diálogos sobre a atual conjuntura e sobre as políticas públicas de transição para sociedades sustentáveis.

A proposta busca a inclusão efetiva da perspectiva ecosocialista e do bem viver nos caminhos por sociedades sustentáveis por meio de dois processos sincrônicos e mutuamente dependentes:

- Trabalhar-se interiormente – aprimorar-se como ser humano (incorporar virtude aos nossos pensamentos, fala e gesto).
- Pensar e agir local e globalmente – apoiar a constituição de formas de organização social, de fazer política e de construir economias, instituições, estruturas, relações e espaços educadores.

A existência de movimentos sociais fortes, descentralizados e coordenados, desburocratizados e pluralistas, é uma via para ampliar-se a incidência das pautas socioambientais nas agendas públicas locais, regionais, nacionais e globais.

Sem “reinventar a roda”, no diálogo com as redes, fóruns, coletivos e movimentos sociais já existentes e utilizando a produção escrita já elaborada na área, este movimento busca fomentar e fermentar núcleos de base e articulações intra e intersetoriais que possibilitem o avanço em duas direções:

- *Programática* - buscando diálogos que façam além de um listado dos temas importantes para a construção de uma agenda ecossocialista de gestão, o mapeamento, maior visibilidade, construção e potencialização de pequenos coletivos, de tal modo que seu detalhamento possa servir de documento de trabalho e pauta de reivindicações articuladas;
- *Reivindicatória* - pautada pelos temas que emergem no item anterior ou pela conjuntura, articular uma ampla malha de atores sociais e grupos de base dispostos e disponíveis para mobilizações de diversos tipos.

As ações do movimento educador geraram um “Ciclo de Diálogos” materializado em oito encontros presenciais que resultaram na publicação de materiais audiovisuais, textuais via blog¹ e rede social²,

1 <https://dialogosea.wordpress.com>

2 <https://www.facebook.com/groups/762823493807079/?fref=nf>

na elaboração do *Guia do educador ambiental popular*³ e na sistematização dos encontros realizados na plataforma político-pedagógica⁴.

Os encontros presenciais, chamados de “Bons Encontros”, foram realizados com um pequeno apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) nos anos de 2015 e 2016, nos municípios de Piracicaba, São Paulo (dois momentos), Guarulhos, Ribeirão Preto e São José dos Campos, além de Porto Seguro (BA) e em Portugal - no V Congresso Internacional de Educação Ambiental dos Países e Comunidades de Língua Portuguesa -, com as temáticas: educação ambiental, agrobiodiversidade e políticas públicas de transição para sociedades sustentáveis; água e educação; consumo responsável e resíduos sólidos; agricultura ecológica; articulação internacional; conservação, agroecologia e espaços educadores; o momento atual e as estratégias de transição para sociedades sustentáveis; e a conjuntura atual e os desafios do ecossocialismo.

Estiveram presentes aproximadamente 440 pessoas, além daquelas que participaram pelas transmissões via internet. As edições envolveram 21 parcerias entre poder público, organizações não-governamentais (ONGs), coletivos educadores, associações e empresas. Foram mobilizados 33 palestrantes do meio acadêmico, de movimentos sociais e de outros setores da sociedade.

Para além dos encontros presenciais, houve a participação do movimento educador na mesa de estudos e debates: “Boaventura de Sousa Santos e Movimentos Sociais – por uma política emancipatória”, em São Paulo; participação no evento “Ocupe o largo”, nas versões “Extermínio da juventude negra” e “Primavera secundarista”, ambos em Piracicaba (SP); e na organização de duas atividades na escola ocupada E.E. Prof. Mello Cotrim, na mesma cidade, com a temática “Ocupação das escolas e educação no Brasil”.

O movimento educador incentiva a convergência entre movimentos e temáticas sociais diversas e o ideário ambientalista (ou ecologista). Nas décadas de 1960 e 1970, no Brasil, os ambientalistas eram considerados genericamente como *hippies*, anarquistas ou comu-

3 <https://dialogosea.wordpress.com/guia-do-educador-ambiental/>

4 <https://dialogosea.wordpress.com/plataforma-politica/>

nistas, e chamados de loucos, românticos e radicais. Mas, no final dos anos 1980, começaram a ser reconhecidos como um novo movimento social e a ganhar institucionalidade e adeptos distribuídos por todo o planeta. Por um lado, o movimento ganhou projeção e relevância, dando-se a devida importância a essa temática. Por outro lado, as bandeiras do ambientalismo foram sequestradas e muitas delas se tornaram estratégia para a denominada “maquiagem verde”.

O ecocapitalismo e as tecnologias verdes ganham grande projeção em detrimento das sérias críticas a sua essência gananciosa, consumista e predatória. Ao mesmo tempo em que o ideário ambientalista vai sendo “assumido” e simplificado pelo discurso hegemônico, vai também sendo incorporado criticamente pelos mais distintos movimentos sociais⁵.

Com sua agenda em disputa, permanece o desafio de origem do ambientalismo - constituir-se como um movimento educador transversal, voltado a mudanças culturais que dialoguem com os demais movimentos sociais, partidos políticos, instituições e com cidadania comprometida com a sustentabilidade socioambiental, com o **bem viver** e com a melhoria das condições existenciais da humanidade e das demais espécies que compartilham ou virão a compartilhar a Terra.

Três das propostas que animam o movimento educador são: simplicidade voluntária e do bem viver; sensibilidade com outras formas de vida; e realização de círculos de cultura.

A simplicidade voluntária e do bem viver é o questionamento profundo das necessidades materiais simbólicas vendidas como um pacote de obviedades. Ailton Krenak, indígena militante, fala sobre o “*kit* civilização” (KRENAK, 1992) quando se refere aos desejos de consumo e à necessidade de seu questionamento. São necessários? Em que medida cada um precisa ter um “*kit* civilização”? Quais itens dele podem ser bens públicos ou bem socializados?

A **simplicidade voluntária** converge com o “bem viver” ou

5 Um bom exemplo é o do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) quando assume a bandeira da agroecologia, na luta contra os agrotóxicos e transgênicos, e por um outro modo de produção no campo. Afirma que não basta a reforma agrária, mas também é necessária a soberania alimentar e um outro modo de produção no campo.

“*Sumak Kawsay*”, dos povos latino-americanos que reconhecem a diversidade e a necessidade de compartilhar a existência a partir de éticas e valores não mercadológicos (GUDYNAS, 2011). Nas palavras do teólogo Leonardo Boff, o bem viver aponta uma ética do suficiente para toda a comunidade, e não apenas para o indivíduo. Supõe uma visão holística e integradora do ser humano, imerso na grande comunidade terrena que inclui, além dele, o ar, a água, o solo, as montanhas, as árvores e os animais; é estar em profunda comunhão com *Pachamama* (a Terra), com as energias do universo e com Deus (BOFF, 2009).

Como resgatar e recuperar a possibilidade do bem público e do bem comum, chamado “natureza”, estar acessível a todos, humanos e não humanos, desta e das futuras gerações, em movimento de solidariedade sincrônica e diacrônica? E, ainda, ser parte da busca por felicidade? Como possibilitar que a existência não seja capsulada à aquisição do “kit civilização”?

Já em 1920, Rosa Luxemburgo levantou a bandeira do “socialismo ou barbárie” e a questão ambiental não estava aparentemente presente. No entanto, registrou em cartas escritas na prisão, a sua sensibilidade para a vida animal, falando da compaixão por um búfalo que via sendo açoitado à porta da sua cela (SCHÜTRUMPF, 2006).

A **sensibilidade com outras formas de vida** pode materializar-se na contemplação, na atenção e no cuidado com o outro, seja ele uma pessoa, uma árvore ou um valor compartilhado. Pode também ganhar concretude nas lutas pela inclusão radical de humanos e não humanos, nas normas legais e na comunicação, por exemplo. Despertar para a totalidade da vida e para a compreensão crítica dos sistemas produtivos é parte dos desafios a serem superados de forma incremental, no sentido de uma nova humanidade, que resgata valores e saberes primordiais, capaz de gerar novos modos de produção e consumo.

Entre o pessimismo e o diversionismo cotidianos, por meio da depressão, vícios, compulsões e outras formas de entorpecimento dos sentidos, opta-se pela ação reflexiva na construção de processos educadores e ambientalistas. O educador Paulo Freire expressou a proposta dos **círculos de cultura**, para potencializar o agir crítico, resgatando sentidos mais profundos da vida em comunidade, da vida ativa, buscando as transformações sociais.

O círculo de cultura é o cerne do movimento educador “Ecosocialismo e bem viver”. Sugere-se orientar os diálogos no interior de cada um deles por meio de oito eixos⁶:

- Usos da terra, educação e conhecimento;
- Questão urbana;
- Comunicação;
- Representação e participação política;
- Finanças e economia;
- Cultura e espiritualidade;
- Mudanças socioambientais globais;
- Eventos extremos.

Dentre outras contribuições dos encontros presenciais ocorridos no mencionado Ciclo de Diálogos, dois temas foram marcantes: o acesso e uso das terras; e o sistema financeiro internacional. Um questionamento profundo sobre as necessidades materiais simbólicas e sobre o uso e acesso à terra, incluindo aqui os direitos das populações indígenas, quilombolas e a questão da reforma agrária e urbana, bem como a necessidade de terras para os demais seres vivos com os quais compartilhamos o planeta.

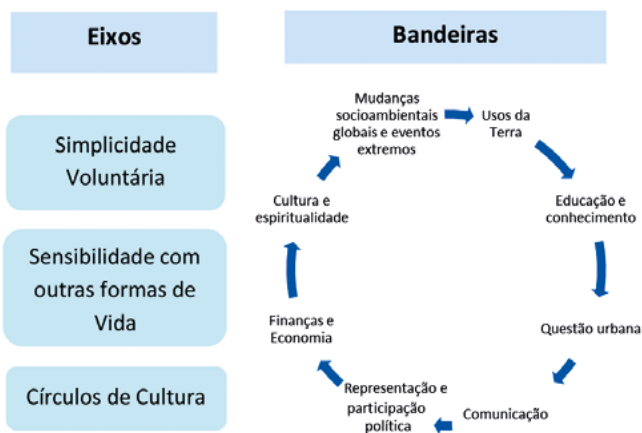
É inconcebível existir tanta terra destinada à especulação imobiliária e financeira e tanta gente sem terra vivendo em condições precárias. Como exemplo, pode-se citar os 211 milhões de hectares de pasto no Brasil (SPAROVEK, 2011), em média com uma cabeça de gado por hectare. Especialistas da área apontam que é possível aumentar a produção com aplicação de técnicas simples de pastejo rotacionado e irrigação. No entanto, a baixa eficiência produtiva e pastagens degradadas servem para manter a terra como mercadoria. Ao duplicar a ocupação dos pastos, poderiam ser liberados 100 milhões de hectares, mais que os aproximadamente 80 milhões de hectares ocupados por todas as culturas e formas de se fazer agricultura no país.

Como se pode negar a reforma agrária e o acesso à terra a todos que a reivindicam, se é possível liberar um montante aproximada-

6 Os eixos foram selecionados pela Equipe Coordenadora do Movimento Educador (OCA e NACE PTECA) com a finalidade didática de organizar e sistematizar contribuições das atividades para a plataforma político-pedagógica.

mente cinco vezes maior do que toda a área utilizada pela agricultura familiar, ao reduzir a extensão de terras com pastagens degradadas? Neste sentido, também haveria o enfrentamento das piores estratégias de acúmulo do capital e avanço da pobreza, que é a especulação imobiliária.

Outro aprendizado com o Ciclo de Diálogos veio com a resposta dada pelo professor Ladislau Dowbor, quando questionado sobre qual deveria ser o tema central desse movimento: “**combater, ou criar alternativas, ao sistema financeiro internacional**, é esse sistema que está na raiz de toda a degradação socioambiental que vivemos”. Então, encontrar processos educadores que potencializem para estas boas lutas se torna fundamental para os discursos não caírem no vazio e se tornarem propostas de mudanças necessárias, por meio de coletivos atuantes e mantenedores da esperança de um outro amanhã possível.



Quadro 1: Bandeiras e eixos do movimento educador “Ecosocialismo e bem viver”

Desta forma, o movimento educador “Ecosocialismo e bem viver”, por meio do exercício da práxis e da articulação em diversos territórios pôde experimentar o potencial transformador dos encontros nos quais, no outro e com o outro, nos reconhecemos e alimentamos as esperanças a partir da ação no agora. Estar em movimento, em circula-